

Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde



GLOSSÁRIO às avessas

Desvendando
Conceitos e
Desconstruindo
Padrões

2024



SECRETARIA DE
RELAÇÕES
INSTITUCIONAIS



Ficha Técnica

Presidente

Luiz Inácio Lula da Silva

Vice-Presidente

Geraldo Alckmin

Secretaria de Relações Institucionais

Ministra de Estado

Gleisi Hoffmann

Secretário-Executivo

Gustavo Ponce

Conselho de Desenvolvimento Econômico

Social Sustentável

Secretário-Executivo

Olavo Noletto

Secretária-Adjunta

Raimunda Monteiro

Diretor de Programa

Sergio Alberto Dias da Silva

Comissão de Combate às Desigualdades

João Salgado

Rosangela Hilário

Projeto Gráfico e Diagramação

Sabrina Bispo Pandori

Gabriel Protski



GLOSSÁRIO **às avessas**

**Desvendando Conceitos e
Desconstruindo Padrões**

2024



“Nesse mundo
Eu sou vista como um corpo que
Não pode produzir conhecimento
Como um corpo fora do lugar
Eu que, enquanto escrevo. Cada palavra
escolhida por mim
Será examinada,
E, provavelmente, deslegitimada.
Então, por que eu escrevo?”¹

1 KILOMBA, Grada.

ilustrações por:
Sabrina Bispo Pandori

SUMÁRIO

- 9 Grupo de Pesquisa
Ativista Audre Lorde
- 11 Coletivo de Pesquisa
Ativista em Psicanálise,
Educação e Cultura
- 12 Comissão Temática de
Combate às Desigualdades
e Democracia e Direitos
- 13 Introdução

Aa

- 15 Aclarar
- 15 A coisa ta preta
- 15 A dar com pau
- 16 A intenção é branca
- 16 Alvejante
- 16 Amanhã é dia de branco
- 17 Até tenho amigos que são negros

Bb

- 17 Baianada
- 17 Baiano é muito preguiçoso
- 18 Barriga suja
- 18 Boçal
- 18 Branquear
- 19 Branquinho (doce)
- 19 Branquinho (fita corretiva)
- 19 Buraco negro

Cc

- 20 Cabelo bombril
- 20 Civilizado
- 20 Clarear
- 21 Cor de pele
- 21 Cor do pecado
- 21 Crioulo

Dd

22 Deixar claro

22 Denegrir

Ee

23 Esclarecer

23 Escravo

23 Escurinho

24 Está ferrado

24 Estampa étnica

25 Estar claro

Ff

26 Fedô

26 Feito nas coxas

Gg

27 Galinha de macumba

27 Gato preto dá azar

28 Gringo

Hh

29 Humor negro

Ii

30 Índiada

30 Índio

30 Inveja branca

31 Isso é coisa de paraíba

SUMÁRIO

Jj

31 **Judição**

32 **Judiaria**

Ll

32 **Lista negra**

Mm

33 **Macaco**

33 **Macumba**

34 **Macumbeiro**

35 **Magia negra**

36 **Meia tigela**

37 **Menina pretinha**

37 **Mercado negro**

37 **Morena**

38 **Muita terra para pouco índio**

38 **Mulata**

Nn

39 **Não sou tuas negas**

40 **Nariz de porco**

40 **Nascceu com um pé na cozinha**

40 **Nega maluca**

41 **Negão/Negona**

41 **Negra bonita**

42 **Negra de beleza exótica**

42 **Negra de traços finos**

43 **Negra suja**

43 **Negrinha**

44 **Negrinho (doce)**

44 **Negrume**

44 **Neguinha**

44 **Nhaca**

Oo

45 **Ovelha negra**

Pp

- 46 Parece índio
- 47 Período negro
- 47 Preguiça de índio
- 47 Preto de alma branca
- 48 Preto quando não caga na
entrada caga na saída
- 49 Pretume
- 49 Programa de índio

Rr

- 50 Roupa de baiano

Ss

- 51 Samba do crioulo doido
- 51 Serviço de preto

Tt

- 51 Tem caroço nesse angu
- 52 Teta de nega
- 53 Organizadores
- 54 Referências

Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde

O Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde é uma coalizão vigorosa de estudantes acadêmicos dos cursos de Licenciatura e Direito da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e de faculdades particulares de Porto Velho. Este grupo conta ainda com a colaboração de professores de outros estados brasileiros, como Maranhão, Piauí, Rio de Janeiro (UFRRJ/UERJ), além de membros da renomada London School of Economics and Political Science. Unidos por um compromisso inabalável de confrontar e debater temas negligenciados em suas formações regulares, o grupo se debruça sobre questões críticas como racismo, sexismo, violência doméstica, marginalização juvenil, pedagogia do cárcere, direitos humanos universais e LGBTQIA+fobia. Estes temas são exaustivamente examinados e compreendidos em sua profundidade e complexidade com a colaboração de professoras e pesquisadoras engajadas.

Originalmente concebido como um grupo de estudos voltado para fortalecer trajetórias acadêmicas e promover o pertencimento, o grupo rapidamente evoluiu e se expandiu em outras territorialidades. O impacto transformador do conhecimento adquirido reformulou percepções sobre a função da universidade e do saber produzido. As intenções iniciais transbordaram, inspirando ações culturais, projetos de extensão e a organização de saberes anteriormente marginalizados pela Academia. Este movimento não só empoderou os estudantes, mas também buscou modificar realidades e provocar avanços essenciais que transcendem os muros da universidade

Em 23 de outubro de 2019, o GEPEA Audre Lorde alcançou um marco significativo ao ser oficialmente reconhecido como Grupo de Pesquisa pelo Diretório de Pesquisa do Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A missão central do grupo é a produção e promoção de conhecimento com um impacto social, econômico e cultural profundo, desafiando os limites tradicionais das universidades, faculdades e escolas. O objetivo é realizar pesquisas revolucionárias, fundamentadas na esperança de inaugurar novos tempos, modos e tons, ocupando um espaço necessário e há muito desejado.

Portanto, o Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde, agora um pilar fundamental do CNPq, não apenas representa um espaço de produção científica, mas reivindica a voz da juventude pobre, preta e periférica. Esta iniciativa transcende a posição de observador passivo, transformando-se em um sujeito ativo, comprometido com a construção de uma epistemologia que verdadeiramente traduza e valorize o conhecimento, a cultura e a contribuição da periferia em geral e do povo preto em particular. Este grupo desafia a estrutura acadêmica tradicional, afirmando de forma contundente a necessidade de uma

revolução epistemológica que inclua e empodere aqueles que historicamente foram marginalizados



Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura

O Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura emergiu com um objetivo nítido: estabelecer um diálogo profundo na psicanálise, com uma perspectiva que valoriza os saberes, filosofias e ciências afropindorâmicas. Fundamental para nossa atuação são os ensinamentos do matriarcado. Nosso propósito principal é desenvolver estratégias robustas para enfrentar os diversos racismos, com foco na formação contínua dos analistas por meio do dispositivo analítico.

Interessamo-nos especialmente pelos temas que afetam as comunidades afropindorâmicas e periféricas, o que nos levou a revisar e atualizar os princípios da psicanálise. Buscamos promover discussões entre pesquisadorxs, ativistas e representantes políticos, sejam eleitos ou não. O Coletivo pretende ser uma ferramenta eficaz na luta contra os racismos que permeiam nossa realidade diária, promovendo uma consciência Ladina. Isso será alcançado por meio de debates centrados na perspectiva afrocentrada, na construção de uma escuta antirracista e na compreensão do contexto histórico vivenciado por essas comunidades no Brasil.

Assim, o Coletivo se posiciona como uma instância crucial ao incentivar a formação de indivíduos conscientes de seu papel e agentes comprometidos com práticas antirracistas. Destacamos especialmente o papel significativo do feminino afropindorâmico e suas diversas formas de fortalecer as comunidades. Além disso, o dispositivo visa fortalecer as identidades dos participantes envolvidos em nossa América Ladina.



Comissão temática de Combate às Desigualdades e Democracia e Direitos

Para apresentar o conceito de Glossário às avessas, é imprescindível ter nitidez do que seja e para que serve um glossário: importante ratificar que um glossário não é um dicionário porque tem a intenção de se focar em termos ou palavras que por pertencerem a um determinado campo de estudo são muito específicas e pouca conhecidas.

No glossário, as palavras são organizadas em ordem alfabética, da maneira mais concisa possível e com suas definições escritas de tal forma que quaisquer pessoas leiam, interpretem e saibam utilizar. Normalmente, o glossário aparece como texto pós-textual de trabalhos acadêmicos ou similares.

O Glossário às avessas é exatamente o contrário: são termos amplamente conhecidos e utilizados que necessitam deixar de sê-los, justamente porque a utilização das palavras causa dor, vergonha, discriminação e preconceito. Palavras como denegrir (tornar negro), buraco negro, lista negra, ovelha negra, feito nas coxas, trabalho de preto, cabelo de Bombril têm sido um pesadelo e mais um instrumento de tortura e desqualificação, principalmente das infâncias negras. Nesta perspectiva, a Comissão de Combate às Desigualdades se constitui como um instrumento poderoso para enfrentar as desigualdades que negam às pessoas o pleno exercício de sua humanidade e cidadania. Foram seis meses de

trabalho que não podem ser hierarquizados: tudo é urgente e emergencial. Contudo, dentre todas as emergências no combate às desigualdades de existência, o racismo é um fenômeno que carrega consigo a cultura de privilégios: a cor da pele define quem prospera e quem define, determinando quem passa pela vida com o direito de viver. Por esse motivo, o tema foi objeto de acalorados debates entre os membros do Comitê, resultando em propostas que têm como foco o combate às múltiplas formas de racismo e a articulação de dados e políticas para cuidar de pessoas pretas em situação de vulnerabilidade.

As pesquisas indicam que levar bem-estar social a territórios racializados melhora a vida, inclusive, daqueles que não são negros. Essa é a motivação deste glossário às avessas: compreender a dor causada por palavras aparentemente inocentes que, na realidade, carregam consigo a dor da exclusão e a marca da diferença como estigma. Urge que promovamos o combate incessante e permanente às desigualdades!

INTRODUÇÃO

- O que é e para que serve um **GLOSSÁRIO ÀS AVESSAS**?

Para apresentar o conceito de Glossário às avessas, é imprescindível ter nitidez do que seja e para que serve um glossário: importante ratificar que um glossário não é um dicionário porque tem a intenção de se focar em termos ou palavras que por pertencerem a um determinado campo de estudo são muito específicas e pouca conhecidas.

No glossário, as palavras são organizadas em ordem alfabética, da maneira mais concisa possível e com suas definições escritas de tal forma que quaisquer pessoas leiam, interpretem e saibam utilizar. Normalmente, o glossário aparece como texto pós-textual de trabalhos acadêmicos ou similares.

O Glossário às avessas é exatamente o contrário: são termos amplamente conhecidos e utilizados que necessitam deixar de sê-los, justamente porque a utilização das palavras causa dor, vergonha, discriminação e preconceito. Palavras como denegrir (tornar negro), buraco negro, lista negra, ovelha negra, feito nas coxas, trabalho de preto, cabelo de Bombril têm sido um pesadelo e mais um instrumento de tortura e desqualificação, principalmente das infâncias negras.



A linguagem possui a capacidade de ser performativa e, como tal, pode ser vista como uma ferramenta com o potencial de estabelecer hegemonias, sendo essa uma de suas características mais proeminentes. Contudo, também pode ser uma poderosa estratégia de empoderamento de pessoas e culturas, quando expressões e palavras de uma determinada região ou país se tornam referências para traduzir sentimentos, como a palavra “saudades”, que só existia na língua portuguesa falada no Brasil. Nossa língua portuguesa brasileira, mestiça e tihosa, frequentemente nos surpreende em função da tensão na produção de um texto como este, da pressão dos prazos e das dificuldades de ter de se comunicar em uma língua que possui uma forma na oralidade, outra na escrita informal e outra na formalidade exigida por determinadas produções.

Então, vale antecipar: o Glossário às avessas não foi/é produzido e replicado para conformar e justificar preconceitos naturalizados: ele vem como uma contribuição das Conselheiras Negras do Conselho de Desenvolvimento Econômico Sustentável, do Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde, e tem sido um que tem sido um colaborador permanente dessas Conselheiras e o Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura, com intenção de provocar incômodo e desconforto que levem a mudança. Não é natural causar dor. Não é natural que a comunicação e a língua materna classifiquem pessoas em superiores e inferiores, de acordo com a cor da sua pele. Não é natural banalizar preconceito. Nossa perspectiva se opõe à ideia de uma suposta neutralidade na linguagem, pois reconhecemos que ela é o campo primordial onde se travam batalhas pela construção de práticas hegemônicas. Contudo, é crucial salientar que a linguagem não apenas pode, mas também deve ser um espaço de possíveis resistências.

A linguagem, como prática social primordial, vai além de simplesmente refletir a realidade; ela atua de forma ativa na conformação e transformação da sociedade. Não apenas legitima práticas independentemente de sua natureza ética, mas também as naturaliza dentro do tecido social. Educadores e pesquisadores têm o compromisso social de expor e resistir às práticas discursivas que carecem de legitimidade. Certas palavras carregam contextos intrínsecos, e neste glossário apresentamos algumas delas, reconhecendo que em uma sociedade marcada pelo legado do colonialismo, certas práticas discursivas permeiam as construções de discursos individuais, frequentemente impregnadas de ideologia racista.



Essas palavras podem ser transportadas para outros contextos, mas esse processo implica descontextualização da mensagem original, seguida de uma recontextualização que agrega novos sentidos e significados, podendo até divergir dos significados originais. Essa dinâmica enfatiza a propriedade dos textos em se entextualizarem, possibilitando sua circulação para além do contexto de produção inicial, agregando novos sentidos ao longo desse percurso.

Assim, nosso objetivo primordial com este Glossário às Avestas é promover um debate entre professorxs, comunicadorxs, jornalistas e o público em geral sobre como atitudes aparentemente pequenas podem provocar mudanças que incluem e contribuem para o avanço no combate ao racismo em todas as suas manifestações. Algumas das expressões apresentadas aqui constam de dicionários e instrumentos de apropriação da língua. Outras são reforçadas em contos e histórias que, apresentadas sem um processo de reflexão e ressignificação, só ajudam a fortalecer a discriminação, como é o caso das expressões “feito nas coxas” ou “serviço de preto”, que ainda aparecem em alguns dicionários.

A língua e as expressões idiomáticas também são demonstrações de poder e força: por exemplo, termos como “esclarecimento”, “esclarecer” ou “deixar claro” poderiam ser substituídos por “nítido”, “negritar” (uma ação que destaca palavras ou expressões em um texto) ou “destacar”. A língua do colonizador até mesmo altera os significados de expressões afetivas entre famílias negras: enquanto as avós, matriarcas em suas famílias, usam o termo “neguinha” afetuosamente para suas netas, os descendentes da colonização usam esse mesmo termo como um insulto para humilhar ou desqualificar mulheres negras.

Normalmente, na escola, descobrimos que palavras usadas para expressar amor, acolhimento e elogio também podem ser usadas para machucar e desqualificar. Portanto, este Glossário às Avestas não é apenas um documento produzido por conselheiras, militantes, professoras e pesquisadorxs; é um manifesto em prol do uso da palavra em favor das pessoas, suas peculiaridades, especificidades e historicidade.



- Aclarar

Utilização da ideia de clareamento como sinônimo de elucidação, de atribuição de maior nitidez a uma determinada ideia ou matéria. Revela-se o racismo neste vocábulo na medida em que faz uso associativo da ideia de “branco” e “claro” como nítido e indene de dúvidas, enquanto “escuro” ou “preto”, seus contrapontos, teriam caráter negativo e impregnado de dúvida. Sugere-se a substituição de “aclarar” por “elucidar”.

- A coisa tá preta

Essa expressão é utilizada para indicar que determinada situação não é favorável, especialmente em casos em que se está diante de situação extremamente desagradável. No entanto, o uso do vocábulo “preto” é feito em uma acepção negativa, evidenciando o racismo linguístico subjacente. É possível substituir “preta” por “feia” ou “difícil”, preservando o sentido da expressão sem reforçar estereótipos raciais.

- A dar com pau

Ainda que essa expressão se refira atualmente a uma situação de abundância ou de grande quantidade, sua origem remonta aos tempos da escravidão, evocando a violência praticada contra o povo preto. Seria apropriado substituir essa expressão por termos como “em excesso” ou “em abundância”, preservando o significado sem manter uma associação negativa com a história de violência racial.

- A intenção é branca

O problema da expressão está no uso de “branco” como sinônimo de benevolência ou falta de maldade, contrapondo-se à ideia de uma intenção maliciosa (que, por consequência, seria uma “intenção preta”). Associa-se a branquitude com coisas boas e a negritude com a perversidade, desnaturalizando o povo preto e criando a percepção de que é preciso ser branco para ser bom. Sugere-se a alteração da expressão, substituindo “branca” por “boa”.

- Alvejante

“Alvejar”, em sentido literal, significa tornar algo branco, podendo ser usado tanto em sentido literal (substância química que, ao ser aplicada em determinada superfície, promove sua descoloração e a torna branca) como em sentido figurado (no sentido de promover limpeza social e eliminar aquilo que não é branco). O problema está justamente no uso deste sentido figurado, ao associar o branqueamento com algo positivo e o “preto” com algo que deve ser extirpado. Recomenda-se a abolição do uso do sentido figurado.

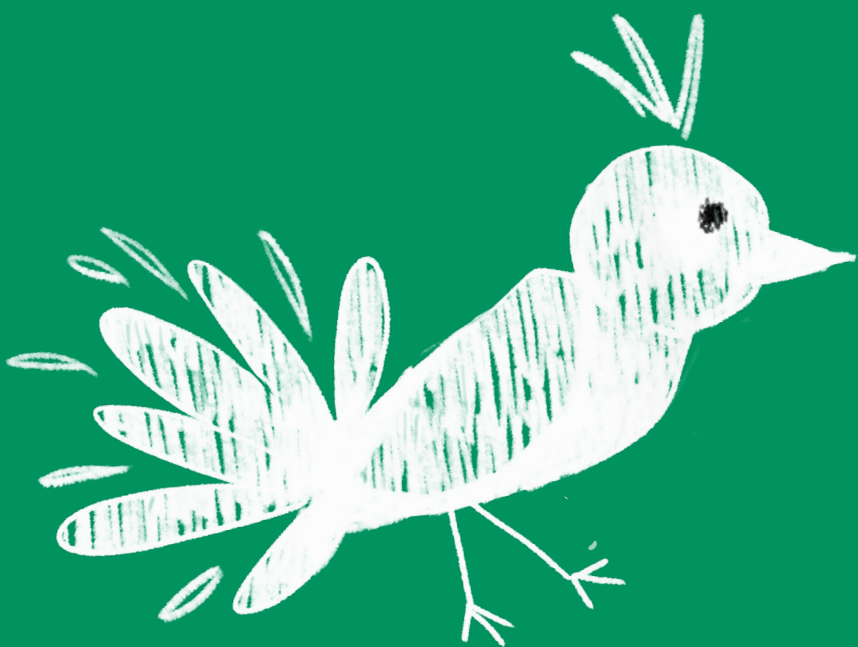
- Amanhã é dia de branco

“Dia de branco” significa “dia de ganhar dinheiro”, na linguagem popular. A expressão revela traços racistas, ao associar a branquitude com o enriquecimento e, em contraponto, a negritude com a pobreza ou a necessidade, de modo que, popularmente, passa essa expressão a ter a finalidade de demonstrar a superioridade dos brancos sobre os negros. Recomenda-se a abolição do uso desta expressão ou, alternativamente, simplesmente a sua substituição por “amanhã é dia de ganhar dinheiro”.



- Até tenho amigos que são negros

Trata-se de expressão utilizada por indivíduos que, para afastar a alcunha de racistas, alegam que o simples fato de possuir amigos negros invalidaria qualquer possibilidade de ser racista. O problema em si não está no uso da expressão “negros” – que não tem sentido pejorativo na frase –, mas no contexto em que a frase é usada, como pretexto para tentar eximir a responsabilidade de alguém por um comportamento racista. Recomenda-se a abolição do uso da expressão.



Bb

- Baianada

Trata-se de expressão que se refere aos baianos e/ou nordestinos de maneira negativa, evidenciando preconceito local e também racismo, pois, na quase totalidade das vezes, é dirigida a pessoas pretas. Recomenda-se a abolição do uso dessa expressão devido ao seu caráter discriminatório e pejorativo.

- Baiano é muito preguiçoso

Essa expressão refere-se aos baianos e/ou nordestinos de maneira negativa, evidenciando preconceito local e também racismo, já que, na quase totalidade das vezes, é dirigida a pessoas pretas.

Cria-se a pecha de preguiçoso para justificar a não contratação desse grupo social, uma vez que o atributo conferido é incompatível com as premissas do trabalho na sociedade capitalista. Recomenda-se a abolição do uso da expressão devido ao seu caráter discriminatório e estigmatizante.

- Barriga suja

Expressão utilizada para se referir à mulher que possui filhos negros. Sujeira, aqui, é utilizado como sinônimo de impureza, de algo que não é bom: no contexto da expressão, o produto do ventre materno – a criança preta – não seria boa ou digna de vida, ao contrário da criança branca, supostamente “limpa”. Recomenda-se a abolição do uso da expressão devido ao seu caráter discriminatório, racista e pejorativo.

- Boçal

Trata-se de expressão racista devido à sua origem histórica, referindo-se a escravos recém-chegados da África que, por desconhecimento da língua portuguesa, não se comunicam adequadamente com os brancos. A expressão, a partir desse contexto, passou a ser

usada para se referir a pessoas rudes, ignorantes, que não possuem cultura ou não dominam a norma culta da língua. Denota preconceito linguístico e a pretensão de que haja línguas que são superiores e línguas que são inferiores. Devido ao caráter extremamente negativo da palavra, recomenda-se a abolição de seu uso, sem qualquer substituição.

- Branquear

O termo significa tornar algo branco, podendo ser usado tanto em sentido literal (como uma substância química que, ao ser aplicada em determinada superfície, promove sua descoloração e a torna branca) como em sentido figurado (indicando a promoção de limpeza social e homogeneização étnica da branquitude). O problema está precisamente no uso deste sentido figurado, ao associar o branqueamento a algo positivo e o “preto” a algo que deve ser extirpado. Recomenda-se a abolição do uso do sentido figurado.

- Branquinho (doce)

Revela-se o racismo neste vocábulo na medida em que faz uso associativo da ideia de “branco” como algo gostoso, enquanto “escuro” ou “preto”, seus contrapontos, seriam doces menos saborosos. Trata-se, a bem da verdade, de nome dado a um doce feito com coco e leite condensado, sem chocolate. Sugere-se a mudança do nome “branquinho” por “beijinho” (nome este que já é usado em algumas partes do Brasil).

- Branquinho (fita corretiva)

Ainda que o nome possa ser aparentemente justificado pelo fato da fita corretiva ter coloração branca, notam-se traços de racis-

mo pela finalidade do objeto, a saber, a correção de erros. Associar “branco” com correção de erros leva, na via reflexa, à percepção de que seu oposto – “preto” – seria o erro a ser corrigido. Sugere-se simplesmente a denominação do objeto por “fita corretiva”.

- Buraco negro

Não se trata aqui da expressão astronômica que alude a um fenômeno físico, mas da expressão vulgar que associa o “buraco negro” como algo sem fim e que traga tudo que está ao seu redor. Sugere-se a eliminação do uso da expressão vulgar devido ao seu caráter negativo e estigmatizante.





- Cabelo bombril

A expressão tem sido causa de muito sofrimento, sobretudo entre as meninas negras, que têm no cabelo, como qualquer criança, uma parte crucial na construção de sua identidade e autoestima. Refere-se à textura do cabelo crespo das pessoas negras. Devido à violência da assertiva que apresenta, não deve ser substituída por nenhuma outra; ao contrário, evidencia a necessidade de um curso de letramento racial que contribua para o processo de conscientização das pessoas sobre o povoamento mestiçado brasileiro.

- Civilizado

O termo “civilização” é frequentemente utilizado para designar sociedades que buscam imitar o modelo europeu-capitalista-cristão de viver, excluindo todas as outras formas de existências como “não civilizadas”. Historicamente, esse preconceito foi utilizado como uma justificativa para violências contra outras culturas e, atualmente, ainda é utilizado com essa intenção, categorizando indígenas, afro-brasileiros, africanos e outros povos com culturas e racialidades diferentes do padrão euro-norte-americano como inferiores.

- Clarear

Significa tornar algo branco, podendo ser usado tanto em sentido literal (substância química que, ao ser aplicada em determinada superfície, promove sua descoloração e a torna branca) como em sentido figurado (no sentido de promover limpeza social e homogeneizar a etnicidade branca). O problema está justamente no uso deste sentido figurado, ao associar

o branqueamento com algo positivo e o “preto” com algo que deve ser extirpado. Recomenda-se a abolição do uso do sentido figurado, visto que reforça estereótipos prejudiciais e promove uma visão discriminatória em relação à diversidade étnica.

- Cor de pele

A expressão “cor de pele” refere-se a tons de bege, indicando um costume de representar a pele branca como padrão universal do ser humano. Isso é uma manifestação do racismo, uma vez que desconsidera a diversidade da pele humana, que possui uma variedade de tons e cores. É importante chamar os tons de bege pelo nome correto, evitando associações inapropriadas à pele das pessoas

- Cor do pecado

Nesta expressão, misturam-se elementos de racismo, religião e sexismo na associação do pecado cristão a uma etnia ou raça e gênero: a mulher negra. Essa expressão era utilizada pelos homens brancos para se referirem às mulheres escravizadas de pele clara e corpo de mulher negra:

coxas grossas e bumbum avantajado. Não raro, o comentário era seguido da triste máxima: “branca para casar, mulata (da cor do pecado) para fornicar e preta (retinta) para trabalhar”, referenciado um período de hiperssexualização e abusos de mulheres negras. Esse termo é profundamente prejudicial, perpetuando estereótipos racistas e sexistas, e deve ser repudiado por promover uma visão discriminatória e ofensiva em relação às mulheres negras.

- Crioulo

As palavras “crioula” e “crioulo” foram utilizadas de forma pejorativa para marcar a diferença entre os colonizadores e as pessoas escravizadas, sendo mais uma maneira de desumanizar aqueles que eram submetidos à escravidão. Esses termos eram usados também para fazer referência aos filhos e filhas de escravizadas nascidas em solo brasileiro. Carregados de preconceito, ausências e dores, é crucial evitá-los. Substituir esses termos por alternativas mais neutras é uma maneira de promover uma linguagem mais inclusiva e respeitosa.

Dd

- Deixar claro

A utilização da ideia de clareamento como sinônimo de elucidação, de atribuição de maior nitidez a uma determinada ideia ou matéria revela o racismo ao associar a ideia de “branco” e “claro” como nítidos e isentos de dúvidas, enquanto os contrapontos “escuro” ou “preto” seriam considerados negativos e permeados de incertezas. Para evitar essa associação, é possível substituir “aclarar” por “elucidar”

- Denegrir

O latim vulgar, de onde se origina o português falado no Brasil, só fez acentuar o preconceito, as dores e a necessidade de excluir palavras e

expressões como parte de um processo para atingir uma educação antirracista. A palavra “denegrir” significa “enegrecer”, mas seu uso está associado a manchar ou sujar algo, criando a ideia de que tornar algo negro implica em ratificar discriminação e o preconceito de associar pessoas negras a aspectos negativos. Recomenda-se evitar o uso de “denegrir” e optar por alternativas que não reforcem estereótipos e preconceitos raciais.





- Esclarecer

O termo “esclarecer” é comumente utilizado no sentido de fornecer explicações e promover o entendimento em situações cotidianas. No entanto, é importante reconhecer que essa expressão pode carregar uma conotação racialmente tendenciosa, ao fazer referência à cor “clara” e menosprezar outras cores. Por exemplo, a expressão “vamos escurecer as coisas” pode ter uma associação implícita de que pessoas negras não estão envolvidas ou capacitadas para oferecer esclarecimentos. Recomenda-se a substituição de “esclarecer” por “elucidar” para evitar associações inadequadas.

- Escravo

Este termo desumaniza os africanos, retratando-os como meros objetos desprovidos de agência e subjetividade. As pessoas escravizadas que foram trazidas ao Brasil eram indivíduos com histórias, realce, dignidade, camponeses, homens e mulheres subjugados contra sua própria vontade. Substituir “escravos” por “pessoas escravizadas” e “escravidão” por “escravização” é mais adequado, reconhecendo a violência e a desumanização implícitas no sistema opressivo.

- Escurinho

Termo que carrega uma conotação histórica de opressão e desrespeito, utilizado para se referir a meninos escravizados. Essa expressão tem raízes profundas na época da escravidão, em que crianças negras eram submetidas a condições deploráveis, violência e exploração. Utilizar o termo “escurinho” para se referir a pessoas negras nos dias de hoje é inadequado.

perpetua estereótipos racistas. É fundamental reconhecer a importância de uma linguagem inclusiva e respeitosa, evitando termos que reforcem a marginalização, a discriminação e a desumanização de qualquer grupo racial.

- Está ferrado

Entendida como uma referência a uma situação difícil, desfavorável ou problemática. No entanto, é importante observar que o termo possui um histórico e contexto antropológico específico que remonta aos tempos da escravidão. Durante esse período sombrio da história, as pessoas escravizadas eram frequentemente tratadas de maneira desumana, sendo submetidas a diversas formas de opressão e controle. No contexto da escravidão, o uso de ferros e ferragens era comum para restringir a mobilidade dos escravizados e impedir possíveis tentativas de fuga. Esses ferros eram colocados nos pulsos,

tornozelos ou pescoços dos cativos, mantendo-os presos e subjugados aos seus senhores. A utilização dessas ferramentas de aprisionamento servia para diminuir as chances de escape e reforçar a subjugação dessas pessoas. Portanto, o termo “ferrado” carrega em seu histórico essa referência à opressão e aos maus-tratos sofridos pelos escravizados. Embora seu uso cotidiano não necessariamente esteja ligado a essa conotação histórica, é importante ter consciência dessas origens e, sempre que possível, escolher palavras que não reforcem a opressão ou depreciem a história e a experiência de grupos marginalizados.

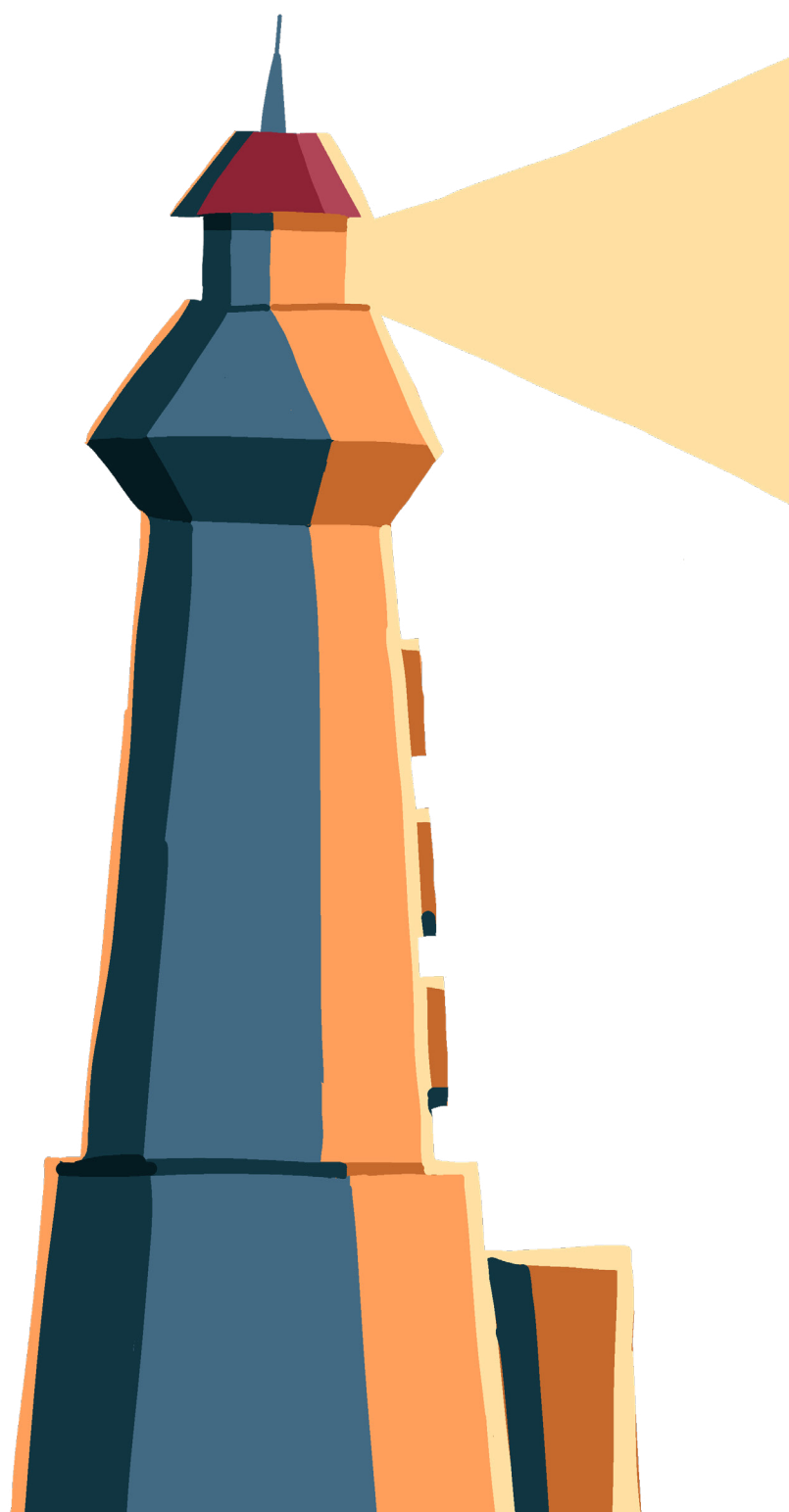
- Estampa étnica

Na esfera da moda, a expressão “estampa étnica” é frequentemente utilizada de forma a evidenciar um olhar predominantemente eurocêntrico. Nesse contexto, quando o desenho provém da África ou

de outras regiões consideradas “exóticas”, segundo essa perspectiva, ele é rotulado como “étnico”. Essa abordagem perpetua estereótipos e subestima a riqueza cultural dessas criações. É importante reconhecer a diversidade de influências e técnicas presentes nessas estampas, em vez de reduzi-las a uma visão estereotipada e limitada.

- **Estar claro**

Essa associação implícita entre a cor “clara” e a capacidade de oferecer entendimento perpetua estereótipos discriminatórios. Deve-se estar consciente de que pessoas de todas as cores de pele possuem conhecimento, inteligência e habilidades para contribuir de forma significativa em qualquer área ou contexto. Portanto, é necessário evitar o uso de expressões que possam desvalorizar ou excluir determinados grupos raciais, buscando uma linguagem mais inclusiva, respeitosa e igualitária.





- Fedô

É importante observar que o termo “fedô” em si não é uma palavra racista. Ela descreve um cheiro desagradável ou mau-cheiro, sem qualquer conotação racial intrínseca. No entanto, é necessário estar ciente de que certas palavras podem ser usadas de maneira pejorativa ou ofensiva quando associadas a características raciais. Se a palavra “fedô” está sendo usada para se referir a pessoas negras como forma de insulto ou para perpetuar estereótipos raciais negativos, isso é completamente inaceitável

e racista. O uso de qualquer palavra ou expressão para depreciar ou discriminar pessoas com base em sua raça é prejudicial e desrespeitoso.

- Feito nas coxas

Acredita-se que a origem dessa expressão remonta à técnica empregada pelas pessoas escravizadas na confecção de telhas. Devido à natureza artesanal e à conformação dessas telhas aos contornos corporais, as peças não se encaixavam perfeitamente umas nas outras, o que as tornava consideradas “malfeitas”. É importante substituir a expressão “malfeito” para descrever essa situação, a fim de evitar reforçar estereótipos negativos associados ao trabalho realizado pelos indivíduos subjugados.

Cg



- Galinha de macumba

A expressão faz referência à religião de matriz africana conhecida como macumba, uma prática espiritual legítima e respeitada por seus seguidores. Utilizar a palavra “macumba” de forma pejorativa ou depreciativa denota falta de respeito pela religião e pelos praticantes. Além disso, a expressão “galinha de macumba” também pode ser vista como um estereótipo e uma forma de desumanização, associando pessoas que praticam a religião a animais. Essa associação é discriminatória e reforça preconceitos raciais e religiosos. Recomenda-se evitar o uso de expressões que desrespeitem crenças religiosas e promover uma linguagem mais inclusiva e respeitosa em relação à diversidade de práticas espirituais e religiosas.

- Gato preto dá azar

Se, no Egito, símbolos pagãos eram adorados como deuses, com a ascensão do cristianismo na

Europa, passaram a ser vistos negativamente. A ideia de que os gatos pretos eram encarnações de espíritos maus e ligados à bruxaria se disseminou ao longo dos anos, resultando em um preconceito racista. No século XV, o papa Inocêncio VIII incluiu os gatos pretos na lista de seres hereges perseguidos pela Inquisição. Esses animais foram injustamente acusados de estarem associados a maus espíritos e, por isso, sofreram perseguição, sendo queimados junto com pessoas acusadas de bruxaria, atingindo o ápice dessa perseguição no final da Idade Média, no século XVI. Ainda hoje isso se reflete na associação do animal a crenças supersticiosas, especialmente durante o Halloween, quando o estigma se intensifica, perpetuando a ideia de má sorte, apesar de serem vítimas da ignorância humana, mesmo em face do conhecimento e da verdade sobre esses seres adoráveis e dóceis.

- Gringo

Historicamente, o termo “gringo” era usado para se referir a estrangeiros, especialmente pessoas de língua não espanhola em países de língua espanhola, como uma maneira informal de dizer “estrangeiro” ou “não nativo”. No entanto, em alguns contextos e regiões, o termo “gringo” foi adotado com uma conotação negativa e pejorativa, sendo usado para menosprezar estrangeiros ou pessoas de origens culturais diferentes. Quando usado com essa intenção, pode ser considerado um termo racista. É importante lembrar que o impacto das palavras pode variar consideravelmente dependendo do contexto, da intenção e do poder histórico das relações entre os grupos envolvidos. Como ocorre com qualquer termo, é fundamental considerar essas variáveis quanto ao uso da palavra “gringo” antes de empregá-la, garantindo que sua utilização não perpetue estereótipos negativos ou contribua para a discriminação.

Hh

- Humor negro

Essa expressão é utilizada para descrever um tipo de humor que aborda temas considerados tabus, como desgraças, tragédias ou eventos trágicos, de maneira muitas vezes irônica ou provocativa. Em vez de usar a expressão “humor negro”, é recomendável referir-se a esse tipo de humor como “humor macabro”, evitando assim reforçar estigmas associados a raça ou a situações sensíveis.





- Indiada

Esta expressão é frequentemente utilizada para descrever uma atividade, passeio ou viagem que não foi bem-sucedida, que foi trabalhosa, difícil ou até mesmo chata. No entanto, é importante ressaltar que o termo “indiada” possui conotações pejorativas, pois faz referência a um grupo ou conjunto de índios. Em vez disso, é mais apropriado utilizar expressões como “atividade ruim” ou “viagem chata”, que descrevem a experiência de forma mais neutra e respeitosa.

- Índio

A palavra “índio” é um termo que foi historicamente utilizado de forma equivocada para se referir aos povos indígenas das Américas. Chamar os povos indígenas de “índios” é considerado pejorativo porque é uma forma de categorização errônea e desrespeitosa. Essa expressão não reconhece a diversidade cultural, histórica e linguística das populações originárias, perpetuando estereótipos e simplificações prejudiciais. Atualmente, é preferível especificar o nome da etnia ou nação indígena em questão.

- Inveja branca

A inveja, por natureza, envolve sentimentos negativos e pode ser prejudicial. Em vez de substituir a expressão, propõe-se uma abordagem alternativa, destacando um elogio ou uma forma mais positiva de expressar o sentimento desejado. Por exemplo, pode-se enfatizar o apreço ou admiração

ou admiração pela conquista ou atributo da outra pessoa, sem recorrer à inveja. Essa abordagem positiva e de valorização pode contribuir para uma comunicação mais saudável e construtiva sem estereótipos de coloração.

- Isso é coisa de paraíba

Essa expressão é considerada pejorativa e pode ser interpretada como racista. Frequentemente utilizada de forma depreciativa, a expressão refere-se a pessoas do Nordeste do Brasil e é baseada em estereótipos negativos e preconceituosos, carregando uma carga discriminatória ao ser usada para menosprezar, estigmatizar ou ridicularizar as pessoas que são habitantes dessa região ou nascidos nela. Ela implica uma visão estereotipada e discriminatória sobre a cultura, a inteligência ou a habilidade dessas pessoas.



- Judiação

O termo “judiação” possui uma conotação histórica de antissemitismo, que se refere ao preconceito e discriminação direcionados aos judeus. Originalmente, a palavra foi utilizada para descrever atos de maltratos direcionados especificamente aos indivíduos judeus. É importante evitar o uso de termos como “judiação” e “judieira”, pois eles carregam um contexto de discriminação e preconceito. Deve-se evitar

- Judiaria

O termo deriva do verbo “judiar”, frequentemente utilizado para descrever a ação de tratar alguém da mesma forma como os judeus foram tratados historicamente. Essa expressão é usada como sinônimo de fazer sofrer, atormentar, maltratar ou ainda com um tom de pena. No entanto, é importante reconhecer que a palavra carrega uma carga negativa e preconceituosa significativa. Uma alternativa mais apropriada é utilizar termos como “sofrimento” ou “maltrato”, que não estão associados a uma discriminação específica e evitam reforçar estereótipos ou preconceitos presentes na expressão original.



- Lista negra

A expressão “lista negra” é comumente utilizada para descrever pessoas que, por alguma razão negativa, estão excluídas de certos grupos ou são alvo de perseguição. No entanto, é importante reconhecer que o termo “negra” utilizado dessa forma carrega uma conotação negativa. É mais adequado substituir essa expressão por “lista proibida” ou “lista restrita”. Essas alternativas evitam o uso de termos que possam ser interpretados de forma negativa ou discriminatória, contribuindo para uma linguagem mais inclusiva e respeitosa.

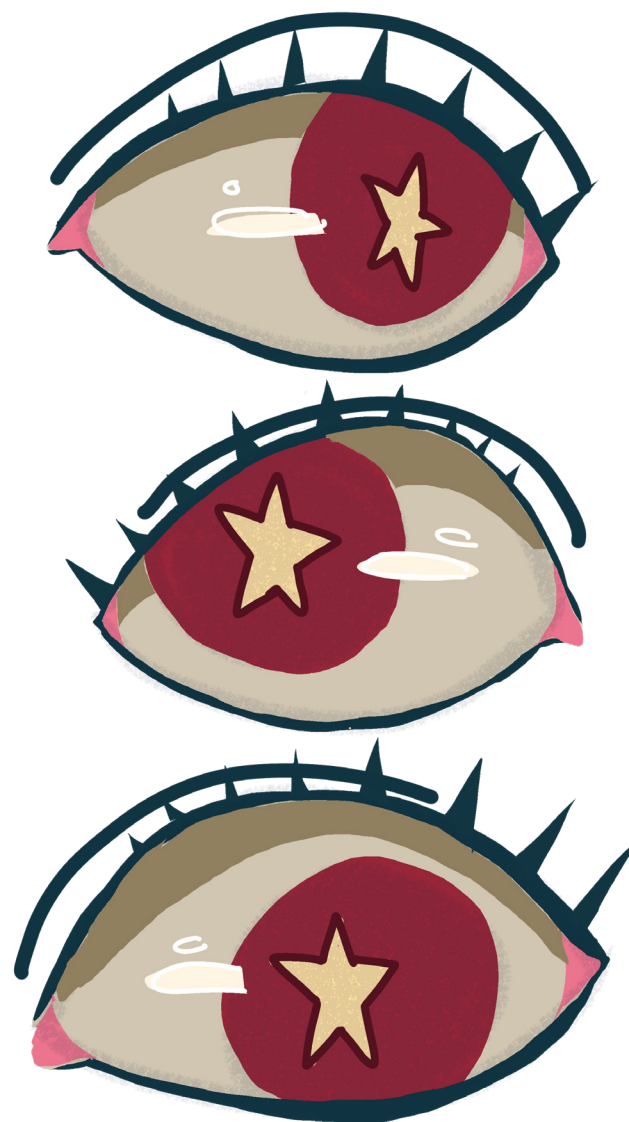
Mm

- Macaco

Comparar alguém a um animal, especialmente quando se trata de uma pessoa negra, é uma forma de desumanização que perpetua estereótipos negativos e preconceituosos. Essa expressão é baseada em um histórico de discriminação racial e opressão, relacionado à exploração, escravidão e marginalização das pessoas negras. Compará-las a macacos é inferiorizar e humilhar, negando sua humanidade e dignidade. Com relação a essa expressão, as pessoas negras foram animalizadas desde sua episteme, que atravessa a subjetivação desde sua gestação.

- Macumba

Termo que se refere a um instrumento de percussão. Qualquer outro sentido que não esse, resulta numa fala racista e pejorativa para se referir às religiões de matriz africana. Para não usar mais esse termo, comece a se referir a religião ou qualquer outra ação pelo seu verdadeiro nome, seja ele qual for.



- Macumbeiro

O termo “macumbeiro” é um substantivo masculino que descreve uma pessoa que pratica uma religião afro-brasileira. Ele pode se referir tanto a um músico que toca o instrumento de percussão chamado macumba quanto a um líder espiritual em um terreiro de macumba. Além disso, a palavra também pode ser usada como um adjetivo para descrever aqueles que são frequentadores assíduos ou praticantes dessa religião. A origem da palavra “macumba”, da qual deriva o termo “macumbeiro”, é controversa, conforme explicado no Dicionário Houaiss. O Dicionário de cultos afro-brasileiros sugere que a palavra tem origem na língua quimbundo, falada no noroeste de Angola, e significa “o que assusta” ou “sortilégio”. Por outro lado, o Dicionário Banto do Brasil propõe que o termo tem o sentido de “prodígio”. Antenor Nascentes e Jacques Raymundo relacionam o elemento “macumba” ao sentido

de “cadeado”, referindo-se às cerimônias de fechamento de corpos que ocorrem nos rituais dessa religião. De acordo com o professor de História e doutorando em Ciências Sociais Jorge Amilcar de Castro, a palavra “macumbeiro” surge da identidade das pessoas. Nos últimos anos, essa expressão tem sido utilizada como adjetivo negativo, de forma pejorativa, em referência às religiões de matriz africana. No entanto, entre as pessoas que praticam essas religiões, há uma permissividade para o uso desse termo. Em um artigo científico apresentado no II Simpósio de Pesquisa da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, o professor de História e doutorando em História Social da África Marcos Paulo Amorim mostra que as religiões afro-brasileiras passaram por um longo período de ilegalidade antes de serem oficialmente reconhecidas como práticas religiosas. Uma das primeiras manifestações religiosas nesse sentido

Uma das primeiras manifestações religiosas nesse sentido foi o candomblé, que sobreviveu nos grandes latifúndios do interior do Brasil e se adaptou disfarçadamente como uma aparente “cristianização”. Nesse contexto, João Ferreira Dias, doutor em Estudos Africanos pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) e mestre em História e Cultura das Religiões pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, analisa como essa perseguição religiosa ainda ocorre nos dias de hoje. Em seu artigo, Dias revela que a expressão “chuta que é macumba” surgiu no ano próximo à criação do jornal O Alabama, cujo primeiro número foi distribuído em 21 de dezembro de 1863, na cidade de Salvador, capital da Província da Bahia. Essa expressão foi criada com o objetivo de incitar as pessoas a chutarem qualquer oferenda ritual encontrada em elementos naturais ou urbanos considerados sagrados, principalmente nas en-

cruzilhadas. Importante destacar que é desejável substituir essas expressões por algo mais positivo, como “deixa disso” ou “se afasta”.

- Magia negra

A expressão “magia negra” é considerada inadequada e potencialmente ofensiva por diversos motivos. Primeiramente, ela está associada a estereótipos e preconceitos que podem perpetuar a discriminação racial. O termo “negra” é utilizado para descrever a prática mágica ou espiritual que é considerada maléfica, maligna ou relacionada ao mal. Essa associação entre a cor da pele e algo negativo ou maligno é injusta e perpetua estereótipos raciais negativos. Além disso, o uso do termo “magia negra” também pode ser considerado culturalmente insensível, pois se baseia em generalizações simplistas e estigmatizantes de crenças e práticas espirituais de culturas



específicas. É importante ter em mente que a diversidade de crenças e práticas espirituais é vasta e complexa. Rotular uma prática específica como “magia negra” pode ser uma forma de estigmatização e desrespeito às crenças e tradições de determinados grupos culturais.

- Meia tigela

Durante o período em que os indivíduos negros eram submetidos ao trabalho forçado nas minas de ouro, nem sempre conseguiam atingir suas metas estabelecidas.



Quando isso ocorria, recebiam uma punição em que apenas metade da tigela de comida lhes era concedida, adquirindo assim o apelido de “meia tigela”. Essa expressão, utilizada nos dias de hoje para descrever algo sem valor e medíocre, carrega consigo a herança e o estigma das injustiças enfrentadas pelos negros naquela época histórica. É importante compreender o contexto histórico e social subjacente a essas expressões, a fim de evitar a perpetuação de estereótipos e preconceitos presentes na linguagem atual.

- Menina pretinha

A expressão realça a cor da pele e, portanto, marca uma racialização para se referir à pessoa. Em vez de usar a expressão “menina pretinha”, é recomendável simplesmente usar o nome da pessoa ou se referir a ela por características que não estejam relacionadas à cor de pele. Por exemplo, você pode chamá-la de “menina simpática”, “menina inteligente”, “menina engraçada” ou qualquer outra característica positiva que a descreva.

- Mercado negro

Quando se fala em “mercado negro”, está se referindo a um tipo de comércio que é feito de maneira ilegal. Isso significa que as pessoas estão vendendo itens que não são permitidos pela lei e que são considerados moralmente incorretos. Por exemplo, essas atividades podem envolver a venda de produtos proibidos ou que foram obtidos de forma criminosa. A expressão “negro” nesse caso não tem relação

- Morena

A expressão “morena” não é necessariamente inadequada, pois pode ser usada para descrever a cor de pele de uma pessoa. No entanto, é importante considerar o contexto e o tom com os quais a expressão é usada. Em alguns casos, o termo “morena” pode ser usado de forma objetificante ou reducionista, especialmente quando se refere a mulheres. Isso pode acontecer quando a ênfase é colocada exclusivamente na aparência física da pessoa, negligenciando suas outras características e qualidades. Para evitar possíveis mal-entendidos ou desconfortos, é sempre melhor usar uma linguagem respeitosa e considerar a individualidade de cada pessoa. Em vez de usar rótulos como “morena”, é mais adequado chamar alguém pelo seu nome ou usar outras características que não estejam relacionadas à cor da pele para descrevê-la. Dessa forma, evita-se reduzir as pessoas apenas à sua aparência física e promove-se uma comunicação mais inclusiva e respeitosa.

- Muita terra para pouco índio

Usar a palavra “índio” já demonstra, em primeiro lugar, falta de conhecimento ou preconceito por parte de quem a repete – como visto naquele verbete. A afirmação de que há excesso de terras para a população indígena é errônea, preconceituosa e ignorante. As terras indígenas possuem uma função social e coletiva ambiental, preservando culturas e protegendo o meio ambiente ao redor, incluindo nascentes de rios, e diminuindo os impactos ambientais no Brasil e no mundo. Por outro lado, o Brasil é um país com extrema concentração de terras. Segundo a Oxfam Brasil, “menos de 1% das propriedades agrícolas é dona de quase metade da área rural brasileira”, ou seja, é muita terra para poucas empresas/famílias brasileiras. Essa questão não é discutida, logo, mostra um preconceito impulsionado por elites políticas vinculadas ao agro-negócio brasileiro.

- Mulata

A palavra “mulata” é frequentemente alvo de debates quando se fala sobre o combate ao racismo. Existem diferentes explicações sobre a origem dessa palavra. Ela é usada para se referir a mulheres negras que têm a pele mais clara. Isso reflete um preconceito, porque faz as pessoas acharem que ter a pele clara é mais bonito e tenta afastar a ideia de que a negritude também é bonita. Além disso, algumas pessoas acham que usar a palavra “mulata” faz com que as mulheres negras sejam tratadas sempre como objetos de desejo. O historiador Nei Lopes, na Enciclopédia brasileira da diáspora africana, registra que “mulata” é uma palavra usada para descrever pessoas mestiças, filhas de mãe branca e pai negro. No entanto, a origem da palavra tem diferentes explicações. Segundo o Dicionário Houaiss (2018), a palavra é sinônimo de “jumento”, que é um animal híbrido resultante do cruzamento entre cavalo e jumento.

Nn

- Não sou tuas negas

A expressão “não sou tuas negas!” é usada comumente para expressar revolta ou desconforto com uma situação ou comentário. No entanto, essa expressão tem origens controversas e carrega conotações racistas e machistas. Essa expressão está relacionada ao período em que existia a escravidão, quando as mulheres escravizadas eram frequentemente vítimas de assédio e abuso sexual por homens brancos. Naquela época, havia a crença equivocada de que elas estavam sempre disponíveis para atividades sexuais, ao contrário das mulheres brancas, consideradas

como mais puras. Outra interpretação sugere que a expressão se refere às mulheres escravizadas que pertenciam a um senhor específico, que tinha total controle sobre elas, inclusive sexualmente. Nas duas interpretações, há uma depreciação da mulher negra, expondo-a como um objeto ou uma propriedade, sujeita a qualquer tipo de tratamento. É mais apropriado substituir a expressão por alternativas como: “Não concordo com isso!”, “Isso não está certo!”, “Isso me deixa chateado(a)!” , “Não gosto desse comentário/dessa situação!”, “Isso é inaceitável!”.



- Nariz de porco

A expressão “nariz de porco” é considerada inadequada e ofensiva, pois possui uma conotação pejorativa e discriminatória. Ela é utilizada para se referir ao formato do nariz de algumas pessoas, especialmente pessoas negras, com a intenção de menosprezar ou insultar sua aparência. O uso desse tipo de expressão é considerado racista, pois perpetua estereótipos negativos e reforça preconceitos. É importante entender que cada indivíduo é único e possui características físicas diferentes, e não se deve julgar ou menosprezar alguém com base em sua aparência.

- Nasceu com um pé na cozinha

A expressão “nasceu com um pé na cozinha” é usada para indicar que alguém tem ancestrais negros. No entanto, essa expressão tem nuances racistas, pois pressupõe que o único espaço

ocupado por pessoas negras em uma casa seja a cozinha. Essa associação é problemática, pois desvaloriza a contribuição e a presença de pessoas negras em outros espaços e funções dentro de uma casa. Além disso, essa expressão também pode estar relacionada ao fato de que muitas mulheres escravizadas eram forçadas a trabalhar na cozinha, inclusive durante seus períodos de descanso, e estavam sujeitas a assédio e violência sexual por homens brancos. Há alternativas para substituir a expressão, como: “Possui uma rica história familiar”, “Tem uma linhagem diversa”, “Tem uma ancestralidade variada”, “Vem de uma família com diferentes origens”, “Tem uma herança cultural diversificada”.

- Nega maluca

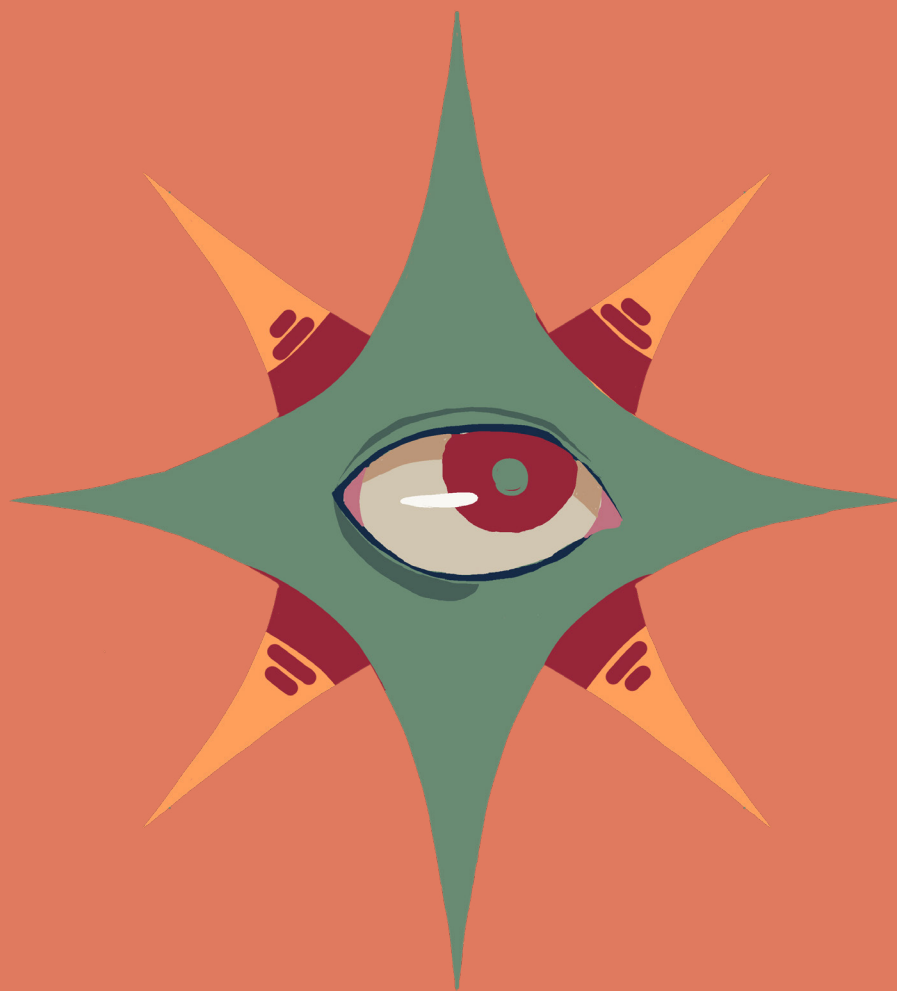
A expressão “nega maluca” é usada para se referir a um conhecido bolo de chocolate. No entanto, essa expressão é problemática, pois associa a mulher negra a uma sobre-

mesa, o que é inadequado e depreciativo. Essa associação esconde o problema da objetificação sexual indevida da mulher negra e é agravada pelo adjetivo utilizado, que busca diminuir sua capacidade de discernimento, inteligência e autodeterminação. Seria mais apropriado e menos ofensivo chamar o bolo pelo seu nome correto: “bolo de chocolate”. Essa é uma forma mais respeitosa de se referir a essa deliciosa sobremesa, sem perpetuar estereótipos racistas ou diminuir a dignidade das pessoas negras. É importante usar uma linguagem respeitosa, evitando qualquer tipo de discriminação ou desvalorização das pessoas com base em sua raça ou gênero.

- Negão/Negona

As expressões “negão/negona” são consideradas inadequadas e ofensivas quando usadas para se referir a uma pessoa negra. Esses termos são exemplos de linguagem uso dessas expressões

“negão/negona” é desrespeitoso e pode causar constrangimento e desconforto para a pessoa envolvida. Isso ocorre porque a expressão reduz a pessoa a uma característica física, ignorando sua individualidade, talentos e personalidade. Portanto, é fundamental evitar o uso dessas expressões e optar por uma linguagem que promova respeito e inclusão



- Negra bonita

Elogiar alguém como “negra bonita” pode ser problemático, pois reduz a pessoa à sua cor de pele, excluindo outras características essenciais. É importante reconhecer e apreciar a beleza em todas as cores da pele, sem a necessidade de destacar uma cor específica como elogio. Valorizar a diversidade e reconhecer as qualidades individuais para além da aparência contribui para uma abordagem mais inclusiva e respeitosa. Portanto, ao elogiar alguém, é mais apropriado focar em características que reflitam a individualidade e singularidade da pessoa.

- Negra de beleza exótica

A expressão “negra de beleza exótica” é uma forma equivocada de supostamente elogiar a estética de uma pessoa negra. No entanto, o termo “exótico” é utilizado para descrever algo que é considerado fora do comum,

A expressão “negra de beleza exótica” é uma forma equivocada de supostamente elogiar a estética de uma pessoa negra. No entanto, o termo “exótico” é utilizado para descrever algo que é considerado fora do comum, que foge dos padrões esperados. Nenhuma dessas características deve ser aplicada para descrever a cor da pele negra. É importante reconhecer que todas as cores de pele são bonitas e não devem ser tratadas como algo exótico. É possível elogiar a beleza das pessoas negras ou falar sobre a beleza negra sem usar o termo “exótico”. Existem alternativas como: “Pessoa com uma beleza única”, “Beleza singular”, “Pessoa com uma beleza especial”, “Beleza encantadora das pessoas”, “Pessoa com uma beleza cativante”.

- Negra de traços finos

Às vezes, as pessoas usam a expressão “negra/negro com traços finos” na tentativa de elogiar a aparência de uma pessoa negra. No entanto, essa expressão carrega uma ideia

equivocada e racista, pois associa a negritude a traços considerados grosseiros ou feios. Isso implica erroneamente que a beleza de uma pessoa negra seria limitada apenas àquelas sem características típicas de pessoas negras. É importante entender que todas as pessoas são bonitas, independentemente da cor da pele ou de seus traços. Não se deve utilizar essa expressão nem procurar substitutos para ela, pois perpetua estereótipos prejudiciais. Sugere-se usar alternativas como: “Pessoa com traços delicados”, “Beleza refinada”, “Pessoa com traços suaves”, “Beleza graciosa”, “Pessoa com traços elegantes”.

- Negra suja

Essa expressão é extremamente pejorativa, perpetuando estereótipos raciais negativos atrelados à ideia de higienismo social. Na história do Brasil, a negritude foi associada a loucura, sujeira e desordem, refletindo um contexto em que a modernidade vai se constituir numa negação da cidadania

para os pobres, incluindo negros, nacionais e imigrantes. O uso desse tipo de linguagem é altamente ofensivo, causando danos emocionais e psicológicos, porque reforça narrativas discriminatórias e contribui para a manutenção de estigmas prejudiciais. É essencial optar por uma linguagem respeitosa e consciente, evitando a reprodução de expressões que perpetuam preconceitos e historicamente causam sofrimento.

- Negrinha

O termo “negrinha” é considerado pejorativo e ofensivo. Ele carrega uma carga histórica de racismo e discriminação racial. Ao se referir a uma pessoa com base na cor de sua pele de uma forma diminutiva ou com conotação depreciativa, ocorre uma desconsideração de sua dignidade e individualidade. Em termos históricos, “negrinha” era o termo relacionado à escravidão e ao abuso sexual perpetrado pelos senhores.

- Negrinho (doce)

O termo “negrinho” usado para descrever o típico doce de chocolate é inadequado, pois veicula um racismo sutil, associando a cor da comida a termos raciais. O mesmo ocorre com o termo “branquinho”, utilizado para o doce de leite condensado. Para evitar essa conotação racial, sugere-se substituir esses termos por “brigadeiro” e “beijinho”, respectivamente. Essa mudança promove uma linguagem mais inclusiva e consciente, afastando-se de expressões que inadvertidamente perpetuam estereótipos e preconceitos raciais.

- Negrume

É um termo que se refere à escuridão ou à qualidade de algo ser negro ou escuro. O termo em si não é intrinsecamente ofensivo ou pejorativo. No entanto, é importante entender o contexto e a forma como certas palavras são utilizadas. Embora “negrume” não seja uma palavra diretamente ofensiva,

o seu uso pode ser problemático quando aplicado a pessoas de pele negra. Isso ocorre porque, historicamente, a associação entre a cor negra e conotações negativas ou pejorativas foi usada para perpetuar estereótipos racistas.

- Neguinha

É o mesmo equivalente da expressão “negrinha”. Historicamente, a depreciação aponta para abusos sexuais.

- Nhaca

“Inhaca” é uma ilha bonita localizada na baía de Maputo, em Moçambique, que se tornou um lugar muito visitado por turistas

nesse país. Algumas pessoas dizem que a palavra também pode ser usada para falar sobre um líder importante de Moçambique. No Brasil, desde muito tempo atrás, a palavra “inhaca” e outras parecidas foram usadas para falar de cheiros ruins no corpo.



- Ovelha negra

O termo é usado para descrever uma pessoa considerada diferente ou que não se encaixa nos padrões socialmente aceitos. Essa expressão tem origens antigas, re-

montando à Antiguidade, quando animais pretos eram associados a elementos maléficos e, por isso, eram sacrificados em rituais ou para cumprir acordos específicos. No entanto, é importante destacar que o uso dessa expressão é prejudicial e racista, pois associa a cor negra a algo negativo, distorcido ou inaceitável. Isso não é correto, e não se deve usar palavras que perpetuem estereótipos racistas.



Pp

- Parece índio

Antes de nos debruçarmos sobre o significado dessa expressão discriminatória e preconceituosa, cabe destacar que a palavra “índio” faz parte de um apagamento cultu-

ral dos povos originários. O correto é “indígena”, pois abrange conceitos como “original do lugar” e “nativo”. A expressão “parece índio” destaca um espaço de tempo em que o sujeito ou a sujeita se encontram distantes de sua realidade social e fica surpreso(a), encantado(a), maravilhado(a) com alguma situação, entretanto, é uma conotação de desdém, uma vez que o interlocutor que usa essa expressão julga o comportamento da outra pessoa como inconveniente, inadequado e fora de propósito. Quando uma criança está agindo de maneira inadequada, ela não se parece com um indígena: ela é indisciplinada e inconveniente.



- Período negro

A expressão “período negro” é sempre utilizada de forma negativa para descrever um tempo de adversidades, fome, doenças e falta de perspectiva, sugerindo um período a ser superado. A palavra “negro”, nessa acepção, contribui para uma conotação pejorativa, discriminatória e, mais uma vez, racista. Há outras expressões que podem delimitar um período difícil da história: péssimo, fraco, insatisfatório, nocivo, desfavorável. A escolha de uma linguagem mais neutra e consciente ajuda a evitar a perpetuação de narrativas discriminatórias.

- Preguiça de índio

O invasor tinha tempos e costumes que aos povos originários soavam como esquisitices: o acúmulo de coisas de que não precisa e que não servem à comunidade, o individualismo, a caça recreativa. Os povos originários têm tempos e entendimentos sobre o consumo,

o trabalho e a divisão social do trabalho que ao invasor europeu soa como preguiça, falta de vontade de trabalhar. A expressão carrega em si uma carga imensa de preconceito e discriminação, sendo historicamente usada como justificativa para as invasões de terras, sequestro de mulheres e roubo nas terras indígenas. Não se sugere substituí-la por outra expressão, pois o objetivo deve ser desafiar e superar a origem do preconceito, em vez de simplesmente trocar por termos menos ofensivos. Uma abordagem mais construtiva envolve promover um entendimento respeitoso das culturas dos povos originários, afastando-se de expressões que contribuem para a desvalorização e discriminação. Vale ressaltar que alguns descendentes dos invasores europeus se referem a esse período como “ócio”.

- Preto de alma branca

Esta expressão é odiosa devido à associação da cor preta à negatividade, enquanto sua contra-

parte, a branquitude, é relacionada ao que é considerado bom e belo. Essa dinâmica reforça a ideia de um sujeito universal ao qual todas as vantagens devem ser atribuídas, perpetuando desigualdades e estereótipos. Originalmente, a expressão referia-se aos negros que precisavam diminuir-se para se encaixar em determinados espaços e prover sustento às suas famílias, sendo forçados a se adaptar para sobreviver após a abolição da escravatura. Eram as pessoas que tinham que se ajustar para sobreviver. Alguns linguistas argumentam que essa expressão deveria ser substituída por outras que questionem o privilégio e a supremacia branca, como por exemplo, “você é tão capaz quanto alguém que nasceu privilegiadamente branco”. Defende-se o letramento racial crítico para que as qualidades das pessoas não sejam articuladas a nenhuma cor, mas sim às condições estruturais que essa pessoa teve ou não para avançar em seu percurso. Essa abordagem busca

desvincular características individuais da cor da pele, enfatizando a importância de compreender e questionar as estruturas sociais que moldam as experiências de diferentes grupos.

- “Preto quando não caga na entrada, caga na saída”

Frase racista que generaliza e estereotipa pessoas negras como sendo desonestas e incapazes de fazer algo corretamente. Esta expressão discriminatória é utilizada sempre que uma pessoa negra comete algum erro, reforçando a ideia subentendida de que as pessoas de pele escura sempre vão cometer falhas, independentemente de sua preparação. É importante ressaltar que não existe um equivalente para pessoas brancas, deixando demarcado como o racismo está enraizado e naturalizado na sociedade brasileira. A repetição dessa expressão por professores, médicos, policiais e agentes de se-

gurança, entre outros, contribui para a promoção de atitudes discriminatórias e desrespeitosas, o “esculacho”. Em vez de ser substituída por outra expressão, ela deve ser abolida da sociedade, destacando a importância de conscientização e respeito mútuo.

- Pretume

A palavra “pretume” existe e está presente no dicionário, mas configura-se no âmbito das palavras que trazem implicitamente o preconceito, a violência e a agressão verbal. Em sua origem, significa ausência de luz, escuridão, negror ou pretidão. Contudo, a palavra é frequentemente utilizada como um substantivo adjetivado para denotar algo a ser evitado, temido, desprezado. O antônimo de pretume (brancura) é utilizado para destacar a qualidade da roupa, de um animal e até de uma pessoa. Na proposta deste glossário às avessas, “pretume” configura-se como palavra a ser evitada e mesmo aboli-

da, devido às suas implicações negativas e prejudiciais.

- Programa de índio

A expressão evidencia o profundo desprezo presente nas sociedades em relação à cultura e vivências dos povos originários. Geralmente utilizada com uma conotação negativa, sugere que algo não é bom, desagradável, algo a ser evitado, sendo, ela própria, uma herança da discriminação cultural contra as tradições das comunidades indígenas. Talvez seja possível ressignificar essa expressão, apresentando-a de maneira positiva e reconhecendo o valor e a riqueza das tradições culturais dos povos indígenas. Essa abordagem contribuiria para promover uma compreensão mais respeitosa e inclusiva das diversas culturas presentes em nossa sociedade.

Rr

- Roupa de baiano

Essa expressão revela xenofobia e desprezo pelas vivências fora do eixo centro-sul, significando estar mal vestido, cafona, desarrumado. O incômodo e o rechaçamento contra a diversidade se manifestam inequivocamente, ratificando a necessidade de compreender que o Brasil é um país mestiço, plurilingue e com espaços/lugares distintos. O ideal não seria substituir por nenhuma outra, mas considerando que nossos marcos civilizatórios estão longe do ideal, propõe-se utilizar termos como “roupa feia”, “roupa deselegante”.



Ss

- Samba do crioulo doido

A expressão foi criada em 1966 com a intenção de ironizar a ditadura militar. Nesse contexto, ela surgiu devido à imposição às escolas de samba, visando desmobilizar processos de resistência ao restringir os sambas-enredos apenas a eventos alusivos à história oficial do Brasil. Entretanto, a expressão foi sequestrada pelo ativismo racista, passando a remeter a confusão, balbúrdia, textos sem nexo.

- Serviço de preto

Expressão racista para depreciar um trabalho mal feito, realizado de maneira desorganizada ou sem planejamento. Deve ser abolida do uso por meio de análises na formação inicial e continuada de professoras.

Tt

- Tem carço nesse angu

A expressão originou-se do processo de resistência das pessoas escravizadas para melhorar sua alimentação. Em situações em que o prato era constituído por angu de fubá, a escravizada encarregada

de servir a refeição às vezes conseguia colocar um pedaço de carne ou alguns torresmos sob a camada de angu. Assim, a expressão significa desconfiança de que algo esteja errado, escondido, encoberto. Mais do que ser abolida, a expressão pode ser ressignificada e apresentada como mais uma estratégia de buscar espaços de bem-estar em meio ao horror da escravidão.

- Teta de nega

Um doce saboroso da gastronomia brasileira, a teta de nega (popularmente conhecida também como Bomboca, Nhá-benta e Dan-top ou pelo nome original flødebolle) é feita de merengue ou marshmallow (massa de gelatina com clara de ovo) e cobertura fina de chocolate crocante. Contudo, sempre causaram desconforto e mal-estar entre pessoas negras em espaços em que são consumidas; comuns são as comparações sexistas e sexualizadas com as mamas das mulheres negras.

- Colaboradores

Federação das Associações das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação (AS-SESPRO)

Presidente: Christian Tadeu

CDESS

Secretário Executivo

Olavo Noleto

Rede Mulher Empreendedoras:

CEO: Ana Fontes

Confederação Assesspro

Presidente: Christian Tadeu

Capa e Revisão:

Jairo Carioca de Oliveira

“A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora.”

- Lélia Gonzalez

Organizadores

ROSANGELA HILÁRIO

Neta da Dona Djanira, Mãe do Igor e Avó da Sophia. Doutora em Educação (FEUSP), Líder do Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde, Conselheira do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável da Presidência da República – Conselho de Equidade e Socabilidade Social, Coordenadora da Rede Brasileira de Mulheres Cientistas e atualmente cumprindo as atividades do segundo pós-doutorado no Diversitas/ FFLCH/USP

ALCIELLE SANTOS

Doutora em Educação (PUC-SP), Diretora de Educação do Instituto Iungo, Presidenta da Cooperativa de Professores Cipó Educação, Conselheira do CDESS.

AÍDA CRISTINA DO NASCIMENTO SILVA

Assessora de Políticas Públicas da Presidência da República, Engenheira Sanitária (UFBA), Doutora em Saúde Coletiva (UFBA), Pós-Doutora em Populações Vulneráveis (UnB, Faculdade de Ciências da Saúde/Núcleo de Medicina Tropical).

ARTHUR PAKU OTTOLINI BALBANI

Mestre em Direito (USP), Mestre em Administração Pública (London School of Economics and Political Science – LSE/UK), Servidor público no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

EDUARDA FRANCELINO VIEIRA

Pedagoga (UNIR), Pesquisadora e ativista pelo Grupo Audre Lorde.

JAIRO CARIOCA DE OLIVEIRA

Dr. h. c. em Psicologia pelo Logos University International (Flórida-EUA), Doutorando e Mestre em Educação Contemporânea e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ). É coordenador do Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura e Integrante do Coletivo Psicanalistas Unidos pela Democracia - PUD. Membro da Comissão Permanente da Política Institucional pela Diversidade, Gênero, Etnia/Raça e Inclusão (CPID) da UFRRJ. Poeta e Bolsista CAPES.

RAFAEL ADEMIR OLIVEIRA DE ANDRADE

Sociólogo, Doutor em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (UNIR), Professor orientador na Liga Acadêmica de Saúde Indígena de Rondônia.

RAUL NUNNES

Mineiro de Nova Lima, Graduado em Marketing (Universidade FUMEC), Diretor criativo, Produtor executivo e Apresentador do primeiro podcast brasileiro original do Spotify sobre HIV/AIDS dentro do recorte racial, o “Preto Positivo”.

RONALD LOPES DE OLIVEIRA

Psicanalista, Doutorando em História (UERJ), Mestre e Licenciado em História (UNIRIO), Teólogo, Coordenador do Coletivo de Pesquisa Ativista Psicanálise, Educação e Cultura.

GISLENE MARIA BARRAL DE LIMA FELIPE DA SILVA

Mestre e Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília. Autora do livro Olhando sobre o Muro (2017, Edições Carolina) e Coorganizadora das obras Literatura e Infância: Travessias (2018, Letraria) e Literatura e Cidades (2019, Zouk). Tem experiência no ensino de língua portuguesa e língua inglesa na Educação Básica e em língua e literatura no Ensino Superior. É revisora e tradutora de textos acadêmicos.



Referências

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poetics and performances critical perspectives on language and social life. Annual Review of Anthropology, California, n. 19, p. 59-88, 1990.

CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de cultos afro-brasileiros: com origem das palavras. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CASTRO, Jorge Amilcar. Conheça a origem histórica de expressões consideradas racistas. 23/11/2021. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/11/23/origem-historica-expressoes>. Acesso em: 15 fev. 2024.

CHASTAN, Lita. Por que América? São Paulo: Editora do Escritor, 1974.

DIAS, João Ferreira. “Chuta que é macumba”: o percurso histórico-legal da perseguição às religiões afro-brasileiras. Sankofa, São Paulo, v. 12, n. 22, p. 39-62, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/158257>. Acesso em: 15 fev. 2024.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

LOPES, Nei. Dicionário Banto do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; Centro Cultural José Bonifácio, 1995.

LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo: Selo Negro, 2014. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/62827235/lopes-nei-enciclopedia-brasileira-da-diaspora-africana>. Acesso em: 16 jan. 2024.

OXFAM Brasil. Menos de 1% das propriedades agrícolas é dona de quase metade da área rural brasileira. 27/08/2019. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/publicacao/menos-de-1-das-propriedades-agricolas-e-dona-de-quase-metade-da-area-rural-brasileira/>. Acesso em: 16 jan. 2024.

SANTOS, Joel Rufino dos. Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global, 2015.

SANTOS, Thereza. Malunga Thereza Santos: a história de vida de uma guerreira. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

THEODORO, Helena. Os territórios negros do Rio de Janeiro. In: SANTOS, Renato Emerson dos. Territórios negros: patrimônio e educação na Pequena. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. p. 18-36.

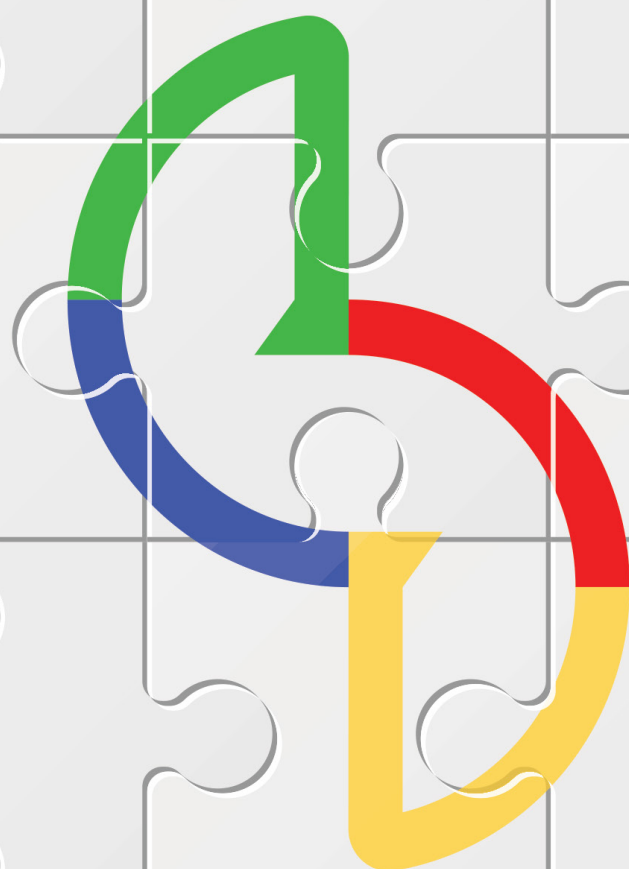
VAN DIJK, Teun A. Discurso e poder. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

O “Glossário às Avessas” desafia nossa percepção sobre a linguagem e seus efeitos na sociedade. Ao contrário de um glossário tradicional que explica termos específicos de um campo de estudo, este glossário aborda palavras amplamente conhecidas que perpetuam dor, vergonha e preconceito, como “denegrir”, “buraco negro” e “trabalho de preto”.



Criado pelas Conselheiras Negras do Conselho de Desenvolvimento Econômico Sustentável, pelo Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde e Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura, o livro propõe uma reflexão profunda sobre como o uso cotidiano de certas expressões pode reforçar estigmas raciais e sociais. Explorando a capacidade da linguagem de moldar e transformar realidades, o “Glossário às Avessas” desafia a suposta neutralidade das palavras e propõe um olhar crítico sobre a influência colonial e racista embutida em nosso vocabulário.

Este manifesto é um convite a educadores, comunicadores e a todos nós para repensar como pequenas mudanças em nossa fala podem promover inclusão e combater o racismo. Em uma sociedade onde as palavras podem tanto oprimir quanto empoderar, o “Glossário às Avessas” busca desconstruir preconceitos e redescobrir a potência transformadora da língua.



cdless